

# Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras

## *Educational practices and social movements in América Latina: learning on the frontiers*

Danilo R. Streck

Doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação pela Rutgers – The State University. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNISINOS.  
e-mail: dstreck@unisinios.br

Não morrerá a flor da palavra. Poderá morrer o rosto escondido de quem a pronuncia hoje, mas a palavra que brota do fundo da história e da terra já não poderá ser arrancada pela soberba do poder. Nós nascemos da noite. Nela vivemos. Morreremos nela. Mas a luz será manhã para os demais, para todos os que hoje choram a noite, para quem se nega o dia, para quem a morte é um presente, para quem a vida está proibida. Para todos, tudo. Para nós a dor e a angústia, para nós a alegre rebeldia, para nós o futuro negado, para nós a dignidade insurreta (*Quarta Declaración de la Sielva Lacandona*)<sup>1</sup>.

### Resumo

O artigo analisa a relação entre práticas educativas e movimentos sociais populares na América Latina, destacando tanto aprendizagens que os mesmos proporcionam para os seus integrantes quanto aprendizagens que possibilitam para a sociedade. Dentre os aspectos abordados, encontram-se os seguintes: o redimensionamento do popular, o enraizamento, a ruptura e a insurgência como parte da pedagogia dos movimentos sociais, a participação como um princípio metodológico, uma nova compreensão de sujeito, a produção de saberes específicos da área de atuação dos movimentos sociais e um redimensionamento do local e do global. Como conclusão, procura-se sinalizar o que significa, hoje, a inserção crítica da educação nos movimentos da sociedade.

### Palavras-chave

Movimentos sociais; práticas educativas; América Latina.

### Abstract

This article analyses the relationship between educational practices and popular social movements in Latin America, pointing out as much learnings which occur within the social movements as those made possible for society at large. Among the aspects comprehended within the study are the following: the redefinition of the concept of popular; the rooting, rupture and insurgency as part of the pedagogy of the social movements; participation as a methodological principle; a new understanding of the idea of subject; the production of specific knowledge according to the field pertinent to the respective social movement, and a new view on the local and global. As conclusion, there is brief discussion about the meaning, nowadays, of critical insertion of education in the movements of society.

### Key words

Social movements; educational practices; Latin America.

## Aproximações ao tema

Neste tema cabem muitas perguntas, motivo pelo qual a primeira tarefa consiste em definir as questões que estarão postas para análise neste artigo. Situo o tema no contexto das discussões sobre as mediações pedagógicas nos processos sociais<sup>2</sup>, entendendo que os movimentos sociais constituem-se hoje em espaços privilegiados para alavancar o desenvolvimento de uma cidadania ativa e comprometida com as superações da realidade e das condições de exclusão social. A pergunta poderia ser colocada da seguinte forma: De que maneira os movimentos sociais populares na América Latina constituem-se como mediações pedagógicas para gerar uma sociedade que tenha lugar para todos? O que se pode aprender neles, com eles, deles?

Algumas advertências iniciais são necessárias. A primeira delas diz respeito a tomar a América Latina como referência. Muito já se escreveu e discutiu sobre a identidade latino-americana. Este próprio fato parece ser sintomático de uma experiência sentida e vivida nesta parte do mundo e que se expressa no sentimento de que vivemos em um tempo e em uma realidade que não são nossos. Quem sabe a própria idéia de busca do que se é como conjunto de povos e nações, com traços comuns de formação histórica, possa ser uma base da identificação como América Latina. Foge-se, assim, tanto de identidades fixas, não raro de caráter folclórico, como também de um vazio que apenas exacerba o espírito de orfandade.

Uma segunda advertência tem a ver com o risco de idealização de movimentos

sociais e do popular como entidades quase sagradas, portadoras da verdade e acima de críticas. Aprendemos a ver que a ética não é um atributo fixo de determinadas pessoas e também não está colada a determinados grupos sociais. Essa visão idealizadora opõe-se à outra, no campo ideológico oposto, que procura deturpar os movimentos sociais, especialmente os populares, desqualificando-os como promotores de desordem. Se neste trabalho os movimentos sociais são vistos sobretudo pelo seu lado positivo é por causa do pressuposto de que, mesmo não isentos de falhas e não acima de críticas, eles trazem importantes contribuições para o desenvolvimento da sociedade.

A partir da pergunta acima anunciada, elaboro a abordagem enfocando os seguintes itens: a) um olhar sobre a compreensão de movimentos sociais e o seu papel na América Latina; b) uma reflexão sobre o seu potencial pedagógico, verificando tanto a educação dentro do movimento quanto a sua função educadora na sociedade como movimento que dela faz parte; c) por fim, a título de conclusão, retomo ao significado do movimento social para a superação da exclusão por meio da educação.

## Notas sobre movimentos sociais na América Latina

Ao falar de movimentos sociais na América Latina é impossível não lembrar imediatamente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil, e do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), no México. São movimentos

que se constituem como forças sociais com atuação marcante em seus países e contam com uma grande visibilidade nacional e internacional. No entanto, ao centralizarmos a atenção nestes grandes movimentos corremos o risco de não visualizarmos o contexto no qual os mesmos encontram o nicho para continuar existindo. Principalmente a partir da década de 1990, o grande pano de fundo dos movimentos sociais é a contestação das políticas neoliberais, seja em suas repercussões na educação, na ecologia, no mundo do trabalho, na organização política ou nas diversas formas de expressão cultural<sup>3</sup>.

Se os movimentos sociais são diversos, também a compreensão sobre eles não é menos diversificada. A definição proposta por Maria da Glória Gohn (2002, p.25) dá conta daquilo que neste trabalho se entende por movimentos sociais. Segundo ela, movimentos sociais são “ações sociais coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, que viabilizam distintas formas de organização e de expressão das demandas da população.” Estão presentes aqui as idéias de conflito em torno de projetos sociais e políticos, de identidade cultural, de solidariedade interna, de ações coletivas e de inovação social que, com ênfases distintas, encontramos em autores como Alain Touraine (1994), Alberto Melucci (2002) e Boaventura de Sousa Santos (1996).

Historicamente os movimentos sociais estão entre as vozes silenciadas. Ao menos a história ensinada para os cidadãos comuns traz muito pouco sobre os movimentos da sociedade que não se enquadram na perspectiva hegemônica,

aquela que conta como se formou o império, depois a república, com os seus respectivos heróis protagonistas. Na educação, por exemplo, aprendemos sobre a ação de Anchieta e o grande esforço dos jesuítas dentro do projeto colonizador. Hoje começam a ser desveladas estratégias de resistência e de enfrentamento que também passavam pela educação. Começa-se a abandonar a idéia de *tabula rasa* para reconhecer que havia um complexo sistema pedagógico para dar conta desta maneira específica de viver. “Da parte dos povos nativos, diz Helena Dias da Silva (2000, p.95), estes procuravam manter seus processos educativos próprios de todas as formas. Mesmo nas fugas, refúgios ou na escravização, procuraram recriar espaços que possibilitassem construir e reconstruir sua história, seus valores e seus projetos de vida, educando as futuras gerações.”

O mesmo pode ser dito em relação aos negros – por exemplo, sua organização nos quilombos – e a outros grupos sociais cuja atuação tornou-se invisível para a história. Boaventura de Sousa Santos fala da necessidade de uma “sociologia das ausências” para recompor as lacunas da história, o que muitas vezes pode significar contar o outro lado da mesma história. Vítor Westphale (2000, p.36) argumenta que uma cultura colonizada não é uma cultura morta, “é uma cultura que esconde, nas profundezas de seus silêncios, vozes prontas para sair à superfície.” É uma cultura que se torna invisível e se comunica por meio do silêncio, da dissimulação e do ocultamento.

A presença desta história encoberta (DUSSEL, 1993) nos a tuais processos sociais

na América Latina é bem expressa por Alcira Argumedo quando escreve que não existem marcos teóricos inocentes e que é possível recuperar o potencial teórico autônomo contido no pensamento latino-americano:

O reconhecimento da heterogeneidade cultural dos setores populares da América Latina – que se destaca diante da crescente homogeneização de suas classes dominantes e das camadas médias acomodadas – surge com força como problemática das ciências sociais ao calor da crise dos “paradigmas teóricos”. A emergência de novas formas de organização e solidariedade; de movimentos sociais reivindicatórios que ultrapassam os partidos políticos; o aumento de massas marginais e de seus novos comportamentos de desesperação; a persistência de identidades sociais que ligam o presente com vários séculos de memórias culturais, para além das características adquiridas nas diversas regiões, dão conta de fenômenos que não podem ser explicados integralmente a partir das concepções oficializadas nas ciências sociais e na análise política. (Argumedo, 2004, p.15)

Esse breve pano de fundo histórico parece importante para entender que a quantidade e diversidade de movimentos sociais na América Latina, hoje, não se deve a um processo de geração espontânea. Houve uma luta silenciosa pela terra, pelo respeito das identidades, por direitos de cidadania que hoje passa a ser ouvida e vista. E dependendo do lugar social de onde se olha, passa a ser vista como profecia<sup>4</sup> ou como ameaça.

Embora os movimentos sociais façam parte da dinâmica da sociedade, o conceito surge por volta de 1840 como

categoria para estudar o movimento proletário e o comunismo e socialismo emergentes (RAMIREZ, 2000, p.50). Houve, na segunda metade do século passado, importantes deslocamentos e rupturas, ocasionando o surgimento do conceito de *novos movimentos sociais*. Segundo Boaventura de Sousa Santos (1996, p.258) a novidade maior reside no fato de estes novos movimentos identificarem novas formas de opressão, para além da crítica da regulação social tanto capitalista quanto socialista. Isso se comprova na diversidade de temas presentes nestes movimentos: gênero, paz, anti-racismo, anti-productivismo, além de lutas por direitos como moradia, terra, saúde e educação.

Na medida em que os movimentos sociais são a expressão da sociedade em movimento (RUCHT, 2001) eles parecem fugir às tentativas de classificação e constituem um desafio para a compreensão dentro de parâmetros preestabelecidos porque eles próprios procuram romper estes parâmetros. Seguindo a argumentação de Melucci (2002, p.34), os movimentos sociais não são simplesmente a expressão de uma crise, que se refere à desintegração do sistema e induz a reações que tendem a restabelecer o sistema. São, em sua visão, antes expressões de um conflito em que estão em jogo interesses antagônicos e por isso têm como resultado produzir mudanças no sistema e não simples ajustes. Estes conflitos surgem por uma série de contingências em lugares diferentes e nem sempre previsíveis.

Para Touraine (1994, p.254) um “*movimento social*” é ao mesmo tempo um con-

flito social e um projeto cultural." Estão em jogo nos movimentos sociais tanto as disputas sociais e políticas quanto a aposta em determinados valores culturais. Por exemplo, o *movimento gay* não apenas cria estratégias para convencer as comunidades de seu direito de ser diferente, mas procura criar mecanismos legais para coibir discriminação no mundo do trabalho e em lugares públicos<sup>5</sup>. Estas duas dimensões – conflito social e projeto cultural – podem variar em intensidade, ora prevalecendo um ora outro.

A força dos movimentos sociais na América Latina é corroborada pela eleição de dois presidentes. No Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva formou-se no movimento sindical durante o período de lutas contra a ditadura militar. Na Bolívia, Evo Morales passou de líder cocalero a presidente de um país onde a maioria indígena é historicamente aliada do poder. No México, embora os zapatistas com o Comandante Marcos não ambicionem a conquista do poder sob a forma de cargos públicos, também é incontestável que representam uma importante força política.

Essas breves considerações mostram que é praticamente inviável compreender a realidade latino-americana sem levar em conta os movimentos sociais. Estes são responsáveis por grande parte das conquistas hoje transformadas em políticas sociais, buscando garantir direitos básicos do cidadão.

A educação no e pelo movimento social

Os movimentos sociais podem ser analisados como um espaço da educação em dois sentidos. Uma vez, pelo tipo de práticas pedagógicas que promovem em seu interior e, outra, pelo que representam como fator pedagógico para a sociedade em que se realizam. Tomando como exemplo os MST pode-se constatar a preocupação pela formação interna, desde a escola itinerante para as crianças dos acampamentos até a formação de professores e outras lideranças. O aspecto formativo para a sociedade começa com a relação que o Movimento estabelece com as comunidades até o uso dos modernos meios de comunicação para expor seus argumentos, muitas vezes por meio de ações com grande expressão, concreta e simbólica. Para fins desta exposição essas duas dimensões serão consideradas de forma integrada. Os itens abaixo pretendem dar uma visão geral da contribuição do movimento social também como um movimento pedagógico para a sociedade.

A relevância dos movimentos sociais para a educação fica evidente, quando se compreende a educação como o processo autoformativo da sociedade. Essa compreensão de educação a situa no âmago das práticas sociais e no cruzamento dos conflitos. Uma das razões da atual crise da escola é que ela assume o lugar de "ilha", onde os alunos encontram-se sob a orientação dos professores para serem formados. Em primeiro lugar, esta ilha não existe. Em segundo lugar, a pretensão de ser esta ilha ou de permitir ser colocada nesta posição,

ocasiona um isolamento de fato daquelas forças que poderiam impulsionar mudanças.

Ao referir-me à educação como autoformação da sociedade desejo acentuar a necessidade de ter o máximo de consciência e lucidez possível das forças e dos conflitos que alimentam e são alimentados pelos movimentos sociais. Ali estão impulsos que, se incorporados às práticas educativas, podem ajudá-las a encontrar o seu lugar na sociedade ao lado das forças que buscam construir e ampliar a cidadania e as possibilidades de vida.

*O redimensionamento do popular:* A categoria "popular" passou de uma compreensão genérica como algo do "povo" para uma compreensão mais específica de identificação com as classes subalternas. Assim, a partir da segunda metade do século XX temos referência à cultura popular, ao teatro popular e à educação popular como expressões contra-hegemônicas. Havia, nestas definições, uma clara conotação classista. Os assim chamados novos movimentos sociais trazem um redimensionamento do popular, devolvendo-lhe um sentido mais amplo de público, muitas vezes nitidamente transclassista, como é o caso dos movimentos ecologistas, feministas ou de *gays*.

O desafio consiste em abrir a categoria popular para abranger outros grupos, mas ao mesmo tempo não perder de vista a importante conquista de uma identificação mais restrita com grupos sociais excluídos ou subalternizados no sistema de produção. O Fórum Social Mundial (FSM) é uma boa expressão da articulação dos movimentos sociais e dos cruzamentos entre diversas categorias dando ao popu-

lar um caráter mais multifacetado (STRECK, 2004). Isso não significa que todos os movimentos sociais presentes ou representados no FSM pudessem ser incluídos na categoria de populares, mas indica novas possibilidades de encontro e maior porosidade nas fronteiras.

As práticas educativas, nos diversos contextos, podem alimentar-se dessa riqueza de experiências que brotam em muitos setores da sociedade. Mais importante, ainda, podem colocar-se junto nessa diversidade de movimentos que a sociedade realiza e procurar ser protagonista. No caso da escola, por exemplo, pode significar abrir as portas para o grupo de mulheres, não apenas para usarem uma sala para reuniões, mas para trazerem as suas experiências para as crianças e jovens.

*Enraizamento e ruptura:* Os movimentos sociais, como vimos acima, expressam conflito, mas também são instrumentos para a manutenção ou recriação da identidade cultural. Os conflitos sinalizam rupturas com padrões ou processos sociais hegemônicos vistos como limitadores de direitos de cidadania ou como ameaças à própria vida. Sua luta é para que a partir de determinadas rupturas se possa recompor o senso comum em um nível que amplie as possibilidades de realização humana. Por exemplo, é difícil que hoje alguém conteste o direito de voto das mulheres ou o acesso de negros à escola, esquecendo que estes direitos são frutos de duras e longas conquistas.

Junto com isso, no entanto, é importante destacar o enraizamento na cultura do grupo, que pode ser expresso na busca

de resposta do que se é: "Quem somos, como sem-terra, para além ou fora dos estereótipos que encontram guarida nas ideologias conservadoras?" "Quem somos, como "gays" num mundo que tende a não ver além do preto e branco?"

A partir da experiência do MST, Roseli Salete Caldart (2000, p.140) vê no enraizamento o início da educação no interior do movimento. "Saber que não está solta no mundo é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida. Este costuma ser o sentimento que diminui o medo em uma ocupação, ou que faz enfrentar a fome em um acampamento." Mas não se trata de uma raiz desvinculada da utopia e de projetos. Daí o uso da expressão *enraizamento projetivo*, em uma combinação criativa de raiz e projeto.

Do ponto de vista das práticas educativas pode-se aprender muito com a forma como os movimentos lidam com os conflitos na sociedade circundante; com as suas estratégias para experienciar as continuidades e as rupturas. Pode-se aprender também a enraizar as práticas educativas na cultura ou nas culturas do lugar ou da região, colocando as perguntas sobre quem se é e quem se pretende ser e recompondo a memória. É impressionante a riqueza e o vigor do conhecimento produzido por movimentos que buscam recuperar a sua trajetória, seja de negros, de povos indígenas, dos movimentos do campo ou das mulheres. Trata-se, não só de aproveitar estes saberes ali produzidos, mas também de conhecer a metodologia desenvolvida.

Analisando o movimento indígena equatoriano, reunido na CONAIE (Confederação das Nacionalidades Indígenas no

Equador) Pierre Moutherde (2003, p.81) constata que "justamente porque começa como um movimento social fortemente enraizado nas comunidades autóctones que seu discurso político de aspirações democráticas parece tão crível, justificado e legítimo." Isso também vale para outros movimentos sociais.

*A participação*: sendo uma ação coletiva, o movimento social precisa encontrar os mecanismos de manter a coesão interna. A solidariedade entre os membros parece ser, por isso, uma característica importante na maioria dos movimentos sociais. Criam-se rituais, existem símbolos próprios e organizam-se manifestações públicas que aproximam os membros entre si e dão um senso de pertença (MELUCCI, 2001, p.36).

Evelina Dagnino (2000, p.81) reconhece a tendência de mistificar as ações coletivas dos movimentos como expressões da virtude, mas argumenta que nem por isso se deveria deixar de perceber as "mudanças moleculares" que resultam de ações de movimentos sociais. Segundo ela, mesmo fragmentárias, incompletas e contraditórias essas práticas devem ser vistas como "constitutivas de esforço dos movimentos sociais para redefinir o significado e os limites da própria política." Pierre Moutherde (2003, p.155) conclui em sua análise de alguns dos grandes movimentos sociais da América Latina que todos eles salientam a idéia de uma *ruptura democrática* no sentido de romperem e superarem os limites formais da democracia representativa.

Em termos de práticas educativas o desafio consiste em transformar a partici-

pação em um princípio metodológico, portanto, muito mais do que em usá-la como técnica de ensino. Dos movimentos pode-se aprender que, como dito antes, participação implica necessariamente conflitos. Os movimentos sociais, apesar de terem um foco de atuação e direcionarem a sua luta, encerram uma pluralidade de idéias e de posições que nem sempre são perceptíveis a partir de fora. Um elemento importante para garantir a participação é o que no MST é chamado de mística. Nela se encontram os elementos evocativos, convocativos e provocativos que garantem a força do movimento (PERESSON, 2006). Evocativo no sentido de recomporem a memória, convocativo no sentido de chamarem à solidariedade e provocativo no sentido de, partindo da denúncia de determinada realidade, anunciarem alternativas.

*A lida com o poder.* Os movimentos sociais colocam em pauta algum tema que entra em conflito com os interesses dominantes na sociedade e, por isso, a relação com o poder é um dos seus mais importantes desafios. Decidir sobre a ocupação de terras, o bloqueio de estradas ou o boicote a produtos representa um confronto com o poder estabelecido. Nessa relação, possivelmente, uma das mais importantes lições é a desmistificação da autoridade. O confronto força o poder a se revelar, a dizer de que lado e a serviço de quem está.

Muitas práticas educativas, especialmente por meio do movimento da educação popular, incorporaram o pressuposto da realidade do poder no seu cotidiano. Aconteceu, assim, um interessante deslocamento, em termos metodológicos, da "troca

de saberes" em direção à "negociação cultural" (MEJÍA Y AWAD, 2001, p.119) em que se reconhece que na relação pedagógica se negociam desde visões de mundo e valores até conhecimentos práticos; e que na negociação estão em jogo relações de poder. Faz parte também da aprendizagem por meio dos movimentos sociais que não basta tomar ou ocupar o poder, mas que é necessário reinventá-los (FREIRE), uma tarefa permanente.

*A produção de saberes.* os movimentos sociais criam condições para valorizar os saberes do próprio grupo como contraponto aos saberes que os mantêm à margem e causaram o próprio movimento. Com isso, no entanto, colocam-se também como produtores de novos saberes. Um exemplo é a disputa, que neste momento se trava, entre os defensores do uso de grandes extensões de terra na metade sul do Rio Grande do Sul para plantação de eucaliptos com o fim de alimentar a indústria de celulose e o contra-argumento de grupos ecologistas sobre o perigo de perdas irreparáveis para o eco-sistema do pampa<sup>6</sup>. O mérito está, em primeiro lugar, em trazer o assunto à consciência pública pelos debates. Em segundo lugar, gerar condições para negociações políticas que repercutam na regulação para o uso do solo.

*A relação entre o local e o global.* Uma das tendências verificadas entre os movimentos sociais é a sua capacidade de funcionamento em rede. Os novos meios de comunicação, especialmente a Internet, contribuíram para que a situação de agressão aos direitos humanos em uma pequena localidade situada em um pequeno país,



longe do centro do poder seja conhecido e se transforme em um caso e eventualmente em notícia. Este funcionamento em rede não é privilégio nem invenção dos movimentos sociais, dado que hoje presenciamos este tipo de funcionamento inclusive entre quadrilhas de assaltantes e gangues. O que está em jogo é uma nova relação entre ações em nível local ou regional e ações em nível global, com várias implicações. Para o indivíduo isso significa criar novas referências por meio de contatos físicos ou virtuais como, por exemplo, as comunidades do Orkut. Para a cidadania representa uma revisão do conceito de fronteiras do estado-nação, uma vez que os controles em limites territoriais fixos tornam-se praticamente inviáveis. Para os movimentos sociais traduz-se na possibilidade de conectar as ações locais em diferentes lugares de um país ou do mundo.

Este movimento exige mais do que aprender o domínio das tecnologias ou de habilidades lingüísticas. Exige sobretudo o reconhecimento das diferenças de formas de ação e de estratégias, enfim, de viver. O viver junto coloca-se nestes tempos de globalização, paradoxalmente, como um grande desafio.

*Revisão da idéia de sujeito:* As discussões sobre pós-modernidade trouxeram à tona o debate sobre o sujeito e a possibilidade da ação histórica. Em alguns momentos a vara foi curvada para o outro lado, em uma tentativa de desconstrução do sujeito consciente e fazedor da história, bem como da história como um projeto imbuído de uma linearidade de certa forma previsível. Os movimentos sociais interferem

na idéia do sujeito ao mostrarem que o mesmo não existe de forma abstrata e fixa, mas se constrói no movimento da história. É ao assumir os riscos de ser histórico e cultural que o ser humano se constitui como sujeito. Nas palavras de Alain Touraine (2004, p.150):

O que há de sujeito em nós está sempre ao mesmo tempo engajado e desengajado. É por essa razão que você não pode dizer que tal grupo social, tal indivíduo ou mesmo tal idéia, tal convicção, constitui um sujeito social. O sujeito é uma força de desligamento, de superação, e não pertence à ordem do ter. Eu "não tenho" um sujeito; há um sujeito em mim, e eu pago caro por isso.

O sujeito pedagógico pode ser entendido dentro desta mesma visão. Na medida em que a aprendizagem é um processo do sujeito, o pólo do processo desloca-se para o sujeito que aprende. Mas também não é mais o sujeito como indivíduo, mas construído na intersubjetividade. Esta é sem dúvida uma das grandes diferenças entre o Emílio de Rousseau e o educando de Paulo Freire<sup>7</sup>. Enquanto o primeiro é protegido para não ser corrompido pelo meio, o segundo desde cedo sabe que não tem como sair do mundo, como Robinson Crusóe em sua ilha, e que por isso precisa conhecê-lo para transformá-lo.

*A insurgência como princípio pedagógico:* os movimentos traduzem a insatisfação de grupos sociais com a realidade existente. Estes são, por isso, forças com uma potencialidade de trazer mudanças, representando um momento instituinte na sociedade. Este é um tema difícil para a educação formal uma vez que a escola

institui-se basicamente como uma força conservadora e disciplinadora na sociedade moderna. Sabemos também que há uma infinidade de formas de subverter esta força, desde a rejeição até a resistência passiva ou violenta.

O desafio para a educação parece estar em deixar cair cercas entre a educação formal e a não-formal, especialmente aquela dos movimentos sociais populares para possibilitar que a insurgência como um movimento de inovação seja uma possibilidade real no interior das práticas educativas. Trata-se de insurgência no sentido de recuperar ou criar a possibilidade de dizer a sua palavra, de fazer com que a revolta e a indignação contra condições opressivas sejam transformadas em uma força potencializadora de mudanças.

Quando Paulo Freire no “direito de ter raiva”<sup>8</sup> aponta para esta condição humana que está na base do agir ético, esta condição precisa ser educada para que se evite que a raiva vire raivosidade, que a indignação transforme-se em cinismo. No mesmo sentido que Freire (1992) propôs uma pedagogia da esperança e não para a esperança, considerando ser esta ontologicamente constitutiva do ser humano, assim também proporá uma pedagogia da indignação (2000).

## Conclusão

A grande lição deixada pelos movimentos sociais para a educação é a de inserir as práticas educativas no movimento da sociedade, contrariando a tendência de tornar o espaço pedagógico um lugar pre-

servado dos conflitos e das tensões que existem na sociedade, mas com isso também tornando-o relativamente inócuo como promotor de mudanças e como força inovadora. Para tanto, a título de conclusão, cabe registrar algumas implicações para a própria pedagogia.

A primeira é a de repensar hoje os espaços pedagógicos, especialmente retomando a pergunta sobre quem forma o educador e onde ele é formado. Os movimentos sociais – por serem o que são – não ocupam o centro da sociedade ou determinam as relações de produção e de poder. Eles se constituem nas margens e, por ocuparem este lugar, eles representam forças questionadoras. A educação voltada para os parâmetros da eficiência dificilmente reconhece que exatamente ali possam estar competências sem as quais a sociedade morre por asfixia.

Uma segunda questão, de cunho epistemológico, diz respeito à superação da noção estática de conhecimento como produto a ser transmitido. Esta é uma velha luta pedagógica, mas está longe de ser vencida. Quem sabe a dificuldade seja até maior hoje, porque as novas tecnologias educacionais passam a falsa noção de que o simples fato de buscar o conhecimento através da internet já significa estar envolvido no processo de criação. Os movimentos sociais ensinam que o conhecimento produtivo do ponto de vista social e humano tem como referência a experiência do sujeito. O pensar certo, conforme uma lição de Freire (1997, p.42), começa com o pensar a própria prática.

Por fim, os movimentos sociais realçam a necessidade de alimentar e reelaborar as utopias. O ideal zapatista do mundo como um lugar onde caibam todos é uma bela metáfora para uma sociedade que vive a unidade na diversidade:

Por trabalhar nos matam, por viver nos matam. Não há lugar para nós na sociedade. Po lutar nos matarão, mas assim faremos para nós um mundo onde caibamos todos e todos possamos viver sem morte na palavra (*Quarta Declaración de la Selva Lacandona*. In: Caparó, 2001, p.314)<sup>9</sup>.

## Notas

<sup>1</sup> No morirá la flor de la palabra. Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy, pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y de la tierra ya no podrá ser arrancada por la soberbia del poder. Nosotros nacimos de la noche. Em ella vivimos. Moriremos em ella. Pero la luz será mañana para los más, para todos aquellos que hoy lloran la noche, para quienes se niega el día, para quienes es regalo la muerte, para quienes está prohibida la vida. Para todos la luz. Para todos todo. Para nosotros el dolor y la angustia, para nosotros la alegre rebeldía, para nosotros el futuro negado, para nosotros la dignidad insurrecta. Para nosotros nada. (*Quarta Declaración de la Sielva Lacandona*. In: G. Caparó, *Ansias del alba: textos zapatista*, 2001, p.312).

<sup>2</sup> O texto serviu de base para a conferência sobre o tema Práticas educativas e movimentos sociais no seminário "Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão" promovido pela Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, MS, de 21 a 24 de setembro de 2006.

<sup>3</sup> O livro *Mundialización de las resistências: Estado de las luchas*, organizado por Samir Amin e François Houtart (2004), que textos de acadêmicos e militantes dos movimentos sociais, é uma tentativa de proporcionar uma visão global dos movimentos sociais dentro da compreensão do Fórum Social Mundial.

<sup>4</sup> "Os movimentos contemporâneos são profetas do presente. Não têm a força dos aparatos, mas a força da palavra. Anunciam a mudança possível, não para um futuro distante, mas para o presente de nossa vida. Obrigam o poder a tornar-se visível e lhe dão, assim, forma e rosto. Falam uma língua que parece unicamente deles, mas dizem algumas coisas que os transcende e, deste modo, falam para todos" (MELUCCI, 2001, p.21).

<sup>5</sup> O Município de São Leopoldo (RS) foi o primeiro a criar uma lei anti-discriminatória de gays no Brasil, em 2006, a partir da luta do movimento gay aliado com outros movimentos sociais da cidade e da região.

<sup>6</sup> Estima-se que, uma árvore de eucalipto necessita de 38 mil litros de água por ano. O que significa a plantação de milhares de hectares para o ecossistema?

<sup>7</sup> Para uma elaboração deste tema veja Educação para um novo contrato social (STRECK, 2003).

<sup>8</sup> "Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidades e não de determinação" (FREIRE, 1997, p.84).

<sup>9</sup> "Por trabajar nos matam, por viver nos matam. No hay lugar para nosotros em el mundo del poder. Por luchar nos matarán, pero así nos haremos un mundo donde nos quepamos todos y todos nos vivamos sin muerte en la palabra" (*Quarta Declaración de la Selva Lacandona*. In: Caparó, 2001, p.314)

## Referências

AMIN, Samir e HOUTART, François. *Mundialización de las resistencias: Estado de las luchas* 2004. Bogotá: Ed. Desde Abajo, 2004.

ARGUMEDO, Alcira. *Los silencios y las voces em América Latina: Notas sobre el pensamiento nacional y popular*. Buenos Aires: Colihue, 2004.

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: Novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos Sem-Terra: o movimento social como princípio educativo. In: GENTILI, Pablo & FRIGOTT, Gaudêncio (Org.). *A cidadania negada: Políticas de exclusão na educação e no trabalho*. Buenos Aires: CLACSO, p. 125-44, 2000.

CAPARÓ, Gabriel (Comp.) *Ansias del alba: Textos zapatistas*. La Habana: Editorial Caminos, 2001.

DUSSEL, Enrique. *O descobrimento do outro: A origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GOHN, Maria da Gloria. Movimentos sociales: Participación sociopolítica y educación en el Nuevo Milenio. In: GARCÉS, Fernando Rosero (Org.). *Formación de líderes y movimientos sociales: Experiencias y propuestas educativas*. Ecuador: Abya-Yala, 2002.

MEJÍA, Marco Raúl & AWAD, Myriam. *Pedagogías y Metodologías en Educación Popular*. Quito: Fe y Alegria, 2001.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOUTERDE, Pierre. *Reinventando a utopia: Práticas alternativas da esquerda latino-americana*. Tradução de Ethon Fonseca; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; Sandra Dias Loguércio. Porto Alegre: Tomo editorial, 2003.

PERESSON, Mario L. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI, Cleide; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Org.) *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

RAMIREZ, Janett. Movimentos Sociais: Lócus de uma educação para a cidadania. In: CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (Org.). *Educar em direitos humanos: construir democracia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RUCHT, Diether. Sociedade como projeto: projetos na sociedade: sobre o papel dos movimentos sociais. *Civitas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 1, n.1, p. 13-28, junho 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1966.

STRECK, Danilo R. O Fórum Social Mundial e a agenda da educação popular. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, n.26, p. 58-69, Mai/Jun/Jul/Ago, 2004.

\_\_\_\_\_. *Educação para um novo contrato social*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

STRECK, Danilo R.; KHOSROKHAVAR, Alain. *A busca de si: Diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

WESTHELLE, Vitor. *Voces de protesta en América Latina*. México: CETPJDR, 2000.

**Recebido em 17 de agosto de 2006.**

**Aprovado para publicação em 30 de agosto de 2006.**

